

A MULHER FORA DO LAR: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES SOCIAIS DE AFETO ENTRE OPERÁRIAS NA FÁBRICA RHEINGANTZ

VANESSA AVILA COSTA¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – vanessaavilacosta@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho parte das discussões construídas na disciplina de Família e Parentesco, que inserem-se na esfera do meu projeto de pesquisa de doutorado em Antropologia - área de concentração em Arqueologia (PPGAnt/UFPeL), intitulado “Materialidades fabris e cotidiano do trabalho feminino: uma arqueologia industrial da Rheingantz (Rio Grande-RS)”. O projeto propõe a realização de uma pesquisa em Arqueologia Industrial (SYMONDS, 2005; THIESEN, 2006) sobre o cotidiano do trabalho feminino na Fábrica Rheingantz, indústria têxtil que se estabeleceu na cidade do Rio Grande (RS) no ano de 1873. Um de seus objetivos é reconstruir este universo fabril, marcado por opressões de gênero, classe, raça e etnia. Para isso, serão analisados os artigos têxteis que foram produzidos em seu interior, o maquinário e a arquitetura dos espaços de produção, ao longo do recorte temporal correspondente aos anos de 1946 a 1968. Desse modo, é possível investigar as formas particulares às quais estas materialidades da indústria, que estão entrelaçadas às trajetórias de vida e memórias das mulheres operárias, foram responsáveis por tecer corpos femininos (in)disciplinados, imprimindo violências e manifestando resistências.

De acordo com RAGO (2014), o modelo de feminilidade imposto pela burguesia às mulheres, pautado em um ideal que as coloca como guardiãs do lar e da família nuclear, atuou no disciplinamento de seus corpos (FEDERICI, 2017). Ao mesmo tempo, este discurso também recaía às mulheres de classes mais baixas, que necessitavam trabalhar fora de casa para complementar a renda familiar. Na Rheingantz era predominante o trabalho feminino. A indústria dedicava-se prioritariamente ao processamento da lã (FERREIRA, 2013), para a produção de roupas, cobertores e tapetes. Enquanto as mulheres, que constituíam dois terços da mão de obra, trabalhavam na produção, os homens, que formavam apenas um terço, trabalhavam majoritariamente na manutenção (PAULITSCH, 2008). Isto se explica, conforme ARAVANIS (2010), pelo fato do trabalho ligado ao universo da costura, fiação e tecelagem, que requeria agilidade manual e delicadeza, ser tomado enquanto compatível com a “natureza da mulher”, vista pelo discurso burguês de feminilidade construído no século XIX, como o sexo frágil. Em contrapartida ao “trabalho da agulha” (SCOTT, 1991), associado ao ambiente doméstico e, portanto, à figura feminina, a manutenção de máquinas, que exigia força física, era uma atividade atribuída exclusivamente aos homens. Ademais, a mão de obra feminina, por ser de menor remuneração, era também empregada pelos empresários a fim de maximizar seus lucros (ARAVANIS, 2010, p. 161). Dessa forma, se estabelecia a divisão sexual do trabalho na Rheingantz. Nas palavras de RAGO, “a construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe devota e inteira sacrifício implicou sua completa desvalorização profissional, política e intelectual” (RAGO, 2014, p. 91). Assim, a mulher fora do lar atuou

exercendo funções de subordinação a um chefe masculino, como afirma a autora. No caso da Rheingantz, os superiores eram europeus, já que a fábrica incentivou a vinda de estrangeiros, predominando os alemães nos setores técnicos da empresa (FERREIRA, 2013, p. 74), o que possibilita pensar sobre as relações de poder marcadas pela etnia dos sujeitos. Cabe ressaltar que ao mesmo tempo em que trabalhavam na fábrica, as mulheres também desempenhavam os trabalhos não remunerados no âmbito doméstico, enquanto esposas, mães e donas de casa, que são impostos a todas as mulheres. Além disso, segundo RAGO (2014), ainda que o trabalho nas fábricas tenha se tornado uma alternativa para uma mulher de classe baixa, as exigências morais continuaram se fazendo presentes e as operárias sofriam estigmatizações por estarem trabalhando fora do lar. Em suas palavras, “quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho” (p. 88).

Tomando como ponto de partida estas reflexões iniciais, no presente trabalho busco discutir de que forma as mulheres de classe baixa, que necessitavam trabalhar fora de casa para sobreviver, enfrentavam este cotidiano fabril tão hostil. A partir do relato de uma ex-operária da Rheingantz, tecerei algumas considerações sobre as relações sociais de afeto (SCHNEIDER, 2016; FONSECA, 2010) que se formavam entre as mulheres trabalhadoras na fábrica, criando outras noções de família e parentesco diferentes da que nos é imposta pelo modelo hegemônico burguês criado no passado.

2. METODOLOGIA

Para a construção deste trabalho na esfera da disciplina de Família e Parentesco, foram feitas entrevistas com mulheres que trabalharam na Rheingantz, realizadas, neste contexto de pandemia, através do WhatsApp. Destaco também, outras atividades que vem sendo construídas juntamente com elas desde 2020, como uma exposição digital no Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense e uma roda de memórias em ambiente virtual com a temática da fábrica, que contribuíram para a realização do trabalho. Entretanto, aqui me deterei ao relato de apenas uma das interlocutoras, por este trazer uma descrição mais detalhada sobre o universo fabril no setor da fiação, evidenciando a criação de laços afetivos entre mulheres.

Com o objetivo de estimular o diálogo em torno das relações sociais de afeto criadas na fábrica, foi produzida uma arte com uma foto de 1955 que mostra quatro operárias da indústria tecendo um tapete em um tear manual. Nesta arte também foram colocadas duas perguntas: “Tu te lembras das amigas que fizeste na Fábrica Rheingantz?”; “Como era trabalhar nas máquinas juntamente com suas colegas de trabalho?”. Após enviar a arte a elas via WhatsApp, juntamente com um convite para que contribuíssem, as ex-operárias contavam suas histórias livremente, da forma como preferissem, através de áudios e textos. Segundo ROCHA e ECKERT (2008, n.p.), “a entrevista transcorre desde a elaboração da estrutura de um roteiro de inquietações do(a) pesquisador(a) flexível o suficiente para aderir as situações subjetivas” encontradas durante a sua realização. Afinal, segundo as autoras, as relações de reciprocidade com interlocutores(as) se constroem por meio das entrevistas estabelecidas de forma livre, onde ocorrem trocas mútuas de saberes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação de grupos de mulheres no interior da fábrica e o estabelecimento de vínculos de amizade configura-se enquanto uma forma de encontrar conforto e redes de apoio em meio a tantas restrições impostas à figura feminina fora do lar. A união e companheirismo entre mulheres aparece na narrativa de Ilca Rodrigues, que foi operária da Rheingantz entre a década de 1940 até o ano de 1989:

Tive muitas amizades no trabalho mas as amigas que mais convivi na época antes de me aposentar foram a Julieta, Justina, Rosa Mara, a Iolanda da Rosa, Shirley, Sueli e Maria Amaral trabalhamos na Fiação que era a primeira repartição da fábrica. Cada uma comandava uma máquina e cada máquina tinha um número a minha foi a número 6 entre muitas. Ficávamos em par e uma de cada lado da máquina emendando os fios e quando o fio era muito ruim, ficava até 4 mulheres dividindo a máquina para dar de emendar os fios da lã. Então assim os laços de amizades foram se estreitando mais, pois tínhamos que ser parceria para que o trabalho deslanchasse. A amizade começou pela união no trabalho porque umas ensinavam as outras. Eram enviadas até nós muitas novatas e tínhamos de ensinar o manuseio do fio da lã e até pilotar a máquina. As amizades eram boas mulheres fortes guerreiras e determinadas tínhamos respeito umas pelas outras e fomos estreitando os laços de amizade que até hoje algumas frequentam umas as casas das outras numa grande e saudosa família. De um tempo bom que ficaram doces lembranças. Lá na Reingantz nos era irmãs conselheiras verdadeiras amigas chorávamos muitas vezes umas com as outras mas também comemorava as vitórias.

Nesta narrativa, destaca-se a criação de relações sociais de afeto no trabalho de fiar a lã, onde a interlocutora relata a importância das parcerias para que o trabalho em conjunto pudesse ser realizado e tivesse um bom rendimento. Desse modo, o relato de Ilca aponta o trabalho nas máquinas como elemento fundamental para a construção de laços de amizade, através, por exemplo, do ato de ensinar as operárias recém contratadas a maneira correta de pilotar a máquina e os cuidados com o fio de lã. A interlocutora também demonstra que, mesmo após o fechamento da fábrica, as operárias mantiveram este vínculo de amizade, frequentando “umas as casas das outras numa grande e saudosa família”. Ela descreve suas ex-companheiras de trabalho como “irmãs conselheiras verdadeiras amigas”. Conforme SCHNEIDER (2016), amigos são parentes não consanguíneos. Mas, para isso, devem manter padrões desejáveis de lealdade, solidariedade ou fidelidade, isto é, a performance – uma vez que “amigos são parentes que podem ser dispensados se necessário”, caso não alcancem “padrões apropriados de performance no papel da solidariedade difusa” (SCHNEIDER, 2016, p. 65). Dessa forma, o parentesco torna-se “mais abrangente do que a família nuclear” (FONSECA, 2010, p. 8). Como afirma FONSECA (2010), é comum aos diferentes grupos sociais “englobar no termo ‘família’ uma rede extensa de parentes que extrapola a unidade conjugal” (PISCITELLI, 2006, DUARTE E GOMES, 2008 apud FONSECA, 2010, p. 8). Portanto, este universo “não se limita às relações diádicas (pai/filho, marido/mulher) da família conjugal, mas põe o acento nas dinâmicas de uma rede social que inclui” também as relações “entre vizinhos, amigos e colegas de trabalho” (p. 8). Como destaca a autora, o termo “parentesco” em alguns estudos que seguem a linha de investigação anglo-saxã é substituído pelo termo “conectividade”, “para nomear o tipo de laço afetivo, difuso e duradouro que normalmente constitui a relação de parentesco”. Em suas palavras, “esses laços seriam produzidos não somente a partir da ‘troca de substâncias’, tais como

sangue, sêmen e leite, mas também a partir de outras formas de troca, incluindo a comensalidade e a realização cotidiana de atividades em conjunto” (p. 9), como, por exemplo, no ambiente de trabalho. Assim, na fábrica, se constroem através das relações sociais de afeto entre as mulheres operárias, outras noções de família e parentesco diferentes da que nos é imposta pelo modelo hegemônico burguês criado no passado.

4. CONCLUSÕES

O trabalho realizado no âmbito da disciplina mencionada demonstrou, através dos relatos de ex-operárias da Fábrica Rheingantz, de que forma se construíam os laços afetivos entre mulheres na indústria e as redes de apoio que eram criadas entre elas para resistir às opressões que sofriam no ambiente fabril e ao estigma que persegue a mulher fora do lar. Entretanto, é preciso salientar que ainda que as narrativas da interlocutora apaguem os conflitos entre as próprias mulheres na fábrica, não significa que eles não existissem. As relações de poder marcadas por gênero, classe, raça, etnia e idade devem ser consideradas. Se levarmos em conta, por exemplo, o marcador social de raça, podemos pensar no racismo que as operárias negras sofriam na fábrica, inclusive pelas próprias colegas de trabalho brancas. Portanto, eu entendo que as questões levantadas neste trabalho merecem uma discussão mais aprofundada, que farei futuramente a partir dos dados gerados em minha pesquisa de doutorado pautada no estudo das materialidades fabris para a compreensão de como se estabeleciam as relações de gênero na Rheingantz.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAVANIS, E. A industrialização no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas da República: a organização da produção e as condições de trabalho (1889-1920). **Revista Mundos do Trabalho**, v. 2, n. 3, 2010.
- FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- FERREIRA, M. L. Os fios da memória: Fábrica Rheingantz entre passado, presente e patrimônio. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 19, n. 39, 2013.
- FONSECA, C. Família e Parentesco na Antropologia Brasileira Contemporânea. IN: MARTINS, Carlos Benedito e DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Horizontes Das Ciências Sociais no Brasil - Antropologia**. São Paulo: Anpocs, 2010.
- PAULITSCH, V. **Rheingantz**: Uma Vila Operária em Rio Grande. Rio Grande: Editora da FURG, 2008.
- RAGO, M. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista, Brasil 1890 – 1930. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- ROCHA, A. L.; ECKERT, C. "Etnografia: saberes e práticas". **Iluminuras Revista Eletrônica**, v. 9, n. 21, 2008.
- SCHNEIDER, D. **Parentesco Americano**: uma exposição cultural. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.
- SYMONDS, J. Beyond Machines and The History of Technology. In: CASELLA, C; SYMONDS, J. **Industrial Archaeology**: Future Direction. New York: Springer, 2005.
- THIESEN, B. Arqueologia Industrial ou arqueologia da industrialização? Mais que uma questão de abrangência. **Revista do Patrimônio**, IPHAN, n. 4, 2006.